

A REGENERAÇÃO

Fundadores: Drs. José Martinho Simões, Manuel Simões Barreiros e Prof. João António Semedo

AVENÇA

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mês

Propriedade de: Dr. Alberto Teixeira Forte
Composto e impresso na Tipografia FigueiroenseDIRECTOR E EDITOR
Dr. Alberto Teixeira ForteRedacção e Administração — Tipografia Figueiroense
Rua Major Neutel de Abreu
TELEFONE 42211 — Figueiró dos Vinhos

O FRACASSO ESCOLAR DE NÃO POUCOS JOVENS É MUITAS VEZES ATRIBUÍVEL ÀS CONDIÇÕES DESFAVORÁVEIS EM QUE VIVEM

No âmbito das tarefas do Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa, a Escola Comercial Ferreira Borges, em Lisboa, tomou a iniciativa de promover, com alguns dos seus alunos, uma experiência psicopedagógica que se julga inédita em Portugal.

A experiência nasceu da observação de que cerca de uma centena de alunos tinha aproveitamento escolar vinhadamente negativo, interessando, por isso, descobrir as causas de tal situação.

Para proceder ao estudo individualizado e completo de cada aluno formou-se uma equipa de elementos qualificados de formação diferenciada, nomeadamente 4 professores, 1 médico escolar, 1 psicóloga, 1 professor de Moral e Religião e 2 assistentes sociais, tendo ainda havido para casos mais difíceis, o recurso à colaboração de instituições especializadas.

Esta equipa assim constituída planeou um trabalho de conjunto, com dois objectivos fundamentais imediatos: por um lado, investigar, seleccionar, apurar e interpretar os eventuais factores responsáveis e explicativos da precaríssima rentabilidade do ensino daqueles alunos, o que determinou a análise das características próprias individuais (somato-orgânicas e psicológicas), e bem assim do contexto sócio-familiar em que viviam; por outro lado, tentar a sua recuperação possível, aplicando os meios terapêuticos e psicopedagógicos julgados oportunos e aconselháveis.

ESCOLAS FECHADAS

Pedem-nos os habitantes de Vale do Rio e Moninhos Fundeiros que chamemos a atenção das entidades responsáveis para o facto de estarem sem aulas as crianças daqueles Núcleos escolares, porquanto não foram providos os respectivos postos.

Por se nos afigurar um apelo digno da atenção das Ex. mas autoridades escolares, aqui o deixamos à sua consideração.

Numa perspectiva mais ampla, no espaço e no tempo, teve-se também em vista, ponderados certos pontos de crise do sistema educativo à luz dos elementos colhidos, sugerir e facilitar a reflexão sobre algumas medidas pedagógicas porventura susceptíveis de, em parte, corrigir ou atenuar tais deficiências.

Com turmas de 8 a 15 alunos (e mais tarde de 5 ou 6) a funcionar para além do horário normal das aulas, a equipa lançou-se ao trabalho, tendo chegado a conclusões muito reveladoras.

Assim, dos alunos observados, mais de 77 por cento revelou nível intelectual médio e nenhum aluno acusou nível intelectual inferior.

Em 83 alunos observados clinicamente, 74 registavam, em maior ou menor grau, problemas de carácter somato-orgânico, designadamente perturbações sensoriais e diversas outras insuficiências, tais como endócrinas, neurológicas, cardiológicas, hepáticas, asmáticas, debilidade física, etc..

Quanto à situação sócio-
(Continua na pág. 4)

BAIRRADAS

— A Bela desamparada

Quando se fala ou se escreve das Bairradas algo maravilhoso aflora no nosso espírito em que um conjunto de circunstâncias nos prendem empolgados pela obra magnífica da Natureza, o viver dum povo, num trabalho quotidiano e esquematizado, qual carreiro de formigas na doce labutação de armazenar as provisões necessárias para um inverno mais rígido, e até o próprio sotaque do povo é diferente nas bairradas. Mas, no fundo, na sensibilidade é uma gente extraordinária, bem como no trabalho, na crença religiosa, na hospitalidade, e no bairrismo.

Não há ninguém na nossa região que desconheça onde são as bairradas, e, se outro motivo não houvesse, bastava a esplendorosa romaria de Nossa Senhora do Livramento, a mais importante festividade do nosso concelho, para constatar com os próprios olhos o que é aquele Povo.

Mas, divagando melhor, explicamos que as Bairradas ficam a cerca de cinco quilómetros da sede do concelho, servidas pela Estrada Nacional que liga a nossa vila a Sernache do Bonjardim. Provém o seu nome dum conjunto de lugares, a saber:—Corisco, Aldeia Fundeira, Casais Ferreiros, Casal de Santo António, Vicentes, Casal da Fonte, Marvila, Aldeia Cimeira, Retiro

e Chãs, tudo num total de aproximadamente 260 fogos, com mil habitantes mais ou menos.

Administrativamente pertencem estes lugares à freguesia de Figueiró dos Vinhos, mas, e se tal fosse possível, era já mais que suficiente, só por si, pelo espaço territorial, pelos fogos e pelos habitantes, para constituírem a sua própria freguesia, que enriqueceria o nosso concelho.

Mas além desta nossa sugestão, outras há que podem merecer das entidades competentes o carinho que se tem dedicado às populações rurais tais como meios de comunicação, electrificação, escolas, fontes, etc., obras primordiais para um mínimo de condições essenciais a um viver limpo e feliz.

E, todavia, só em parte, estão preenchidos nas Bairradas estes requisitos.

Infelizmente, se bem que para isso já conste haver o respectivo plano, as bairradas ainda não beneficiam da electricidade. E será sem sombra de dúvidas, que o empreendimento da electrificação virá a ser um empate de capital rentável, não só pelo grande número de habitações, como também no aproveitamento para a agricultura.

À parte da utilização como via de comunicação da estrada nacional, outras não possui em condições dignas de aplauso, e esta-

CRÓNICAS DE ANGOLA — LESTE

pelo Rev.º P. José da Costa Saraiva
Capitão-Cape. das Forças Armadas

Antigo e brilhante colaborador de «A Regeneração», há uns tempos a esta parte que não tínhamos o prazer de inserir nas nossas edições os apreciados trabalhos do antigo arcepreste de Figueiró dos Vinhos, hoje servindo Deus e a Pátria como Capelão-Militar chefe da zona leste de Angola.

Quis, porém, o nosso bom amigo, Sr. P. Saraiva voltar a estas colunas; e é com a maior honra que acolhemos os seus trabalhos que, certamente, os leitores muito apreciarão. Bem-haja, pois pelo seu regresso, e deixamo-lo já transmitindo a sua primeira.

Quem nunca veio a Angola, não pode avaliar a grandeza

impressionante deste imenso e estranho território.

Só as fronteiras terrestres têm a extensão de 4 837 quilómetros e a sua superfície é de 1 246 700 quilómetros quadrados.

Tem montanhas que vão até 2 620 metros, como se baixa suavemente a beijar as areias calmas do Atlântico, numa imensa costa de 1 650 quilómetros.

Banham-na uma imensidão de rios que no tempo das chuvas se espriam por quilómetros em redor, formando chanas com vastas extensões.

E que magníficas quedas esplendorosas não ocasionam essas torrentes, como as do Duque de Bragança, no rio Lucala, as do Luena, as do Dala, etc.

Prenhe de vegetação, rica de minérios, com petróleo já em larga escala, com possibilidades de criação de gado e de farta agricultura, Angola é um rincão extraordinário que temos obrigação de elevar, de civilizar, de enriquecer.

E que variedades de raças, de modos de vida, de dialectos, que massa humana capaz de atos de extraordinária grandeza!

Precisa de estradas, de mais caminhos de ferro, de mais braços e de mais cabeças que a queiram engrandecer, mas estou convicto de que, se nós o merecermos e quisermos, teremos aqui o Eldorado.

Ninguém imagina o que é esta Angola, a vastidão dos seus campos incultos, à espera de braços que os arroteiem, e onde o milho, o trigo, o arroz e toda a casta de árvores frutíferas seriam farta recompensa dalgum esforço.

Não teríamos necessidade dos enlatados e da fruta da União Sul Africana, tal a riqueza deste solo bendito, mas, na sua maioria, virgem de cultivo.

Esta terra daria tudo com abundância, desde que bem amanhada e estrumada.

E que riqueza em madeiras, em gado, etc.

(Continua na pág. 4)

(Continua na pág. 4)

IGREJA PAROQUIAL

Parece ter sido coroada de êxito a diligência que o Rev. Arcipreste, Sr. P. Belarmino Soeiro, efectuou, recentemente, junto da Direcção Geral dos Edifícios e Momentos Nacionais, esperando-se que, dentro em breve, tenham o seu início as obras de substituição do pavimento da igreja, bem como as

de beneficiação da capela-mor do vetusto templo.

Impõe-se, pois, a melhor colaboração da população com o seu pároco para que, num futuro próximo, Figueiró possa orgulhar-se de possuir uma igreja que prestigie a terra e os seus filhos.

O corporativismo português adapta-se ao nosso tempo

No sistema representativo das actividades nacionais, o corporativismo português identifica-se pelo respeito pela natureza humana, na sua expressão individual e colectiva.

A Nação não é constituída apenas pelo conjunto amorfo dos indivíduos, mas pelo conjunto dos indivíduos e, pelos grupos que estes naturalmente formam entre si, formando um sistema ordenado e corrente de edifícios, cada um com a sua finalidade própria de organismo protectores e representativos.

Mas o corporativismo vai ainda um tanto mais longe, pois preocupa-se pela estruturação de tais edifícios, segundo um plano harmónico, aproximando entre si, todos aqueles que têm interesses comuns, ou valores colectivos a defender.

O Ministro das Corporações e Previdência Social, salientou, num discurso que recentemente proferiu, a necessidade da integração corporativa de todo o esforço português.

Completa-se, assim, a estrutura orgânica das actividades nacionais, levando às províncias ultramarinas o complemento do que já se faz no campo da economia.

A capacidade de adaptação do

sistema a todas as circunstâncias, é facto indiscutível.

Com a sua elasticidade tem permitido que problemas, em princípio difíceis de resolver, tenham tido a sua solução adequada e oportuna.

Os frutos de paz e de progresso tão desejados, encontram assim, em tal orgânica, os meios aptos à sua obtenção.

O MEU CONTO DE NATAL O MENINO TRISTE

A noite há muito descera sobre a terra.

No firmamento, uma lua-cheia parecia sorrir. Os grilos e as cigarras tinham adormecido bem como toda a natureza. Na avenida, orlada de cepadas e velhas mangueiras, o silêncio dos grandes desertos. As cubatas adormecidas estendiam suas sombras até às palmeiras e bananeiras mais próximas. Toda a sanzala tinha um ar misterioso e tranquilo. Apenas, na última cubata, da aldeia, no sopé do morro, se via um pequeno esbatido clarão através de um postigo rente ao solo. Lá dentro deste pequeno mundo coberto de capim já podre, reinava também uma grande tranquilidade.

Entrando por uma estreita janela da

Trata-se de uma realidade que estimula, efectivamente, toda uma acção, à escala do espaço português, na certeza de que, mesmo com alguns obstáculos naturais, o objectivo a atingir corresponderá às características impostas pelo fenómeno nos diversos aspectos que o integram.

POR GUINA YA SOBA MALANGUE

humilde casa, o luar iluminou uma divisão acanhada onde um menino dormia na velha cama, encostada à parede de adobe.

De vez em quando, um soluço subia-lhe pela garganta e saltava dos lábios como um doloroso lamento.

O luar acariciava os cabelos de ébano do pequeno repolho, indo beijar, depois, um narizito largo e achatado.

Quando passava por um canto do estreito quarto, a lua quedou-se a contemplar uma saca feita de retalhos, onde descansava, descuidado, um caderno escolar com uns fiozitos de letra miúda.

Ao cimo da página estava escrita a palavra Natal e, por baixo, um lindo desenho multicolor, onde apareciam as sagradas figuras do Presépio. Entretanto o luar, parecendo assustar-se, retirava-se a tempo de se esconder por detrás de uma nuvem, que no céu passava.

Lá fora a paz continuava. Só ao longe se ouviu o uivar triste de um cão.

O menino voltou-se e suspirou. O seu rosto, triste, permanecia tão sereno como a noite.

O luar, ao ouvir o suspiro do menino, reapareceu. Desta vez foi procurar o aconchego da cozinha, onde ardia ainda um cepo de quibada. Ao canto, um sapato roto jazia dentro de uma suja quinda e, dentro do sapato, um papelinho pardo, muito dobradinho.

O luar ficou upreso ao chão térreo da cubata, contemplando, intrigado, o insignificante pedaço de papel. Os seus raios, brincando, foram-no desdobrando e a lua desceu no firmamento para ler.

E uma voz melodiosa ia dizendo:

Querido Menino Jesus:

É para ti esta humilde carta. Eu quis ir fa'ar contigo à pequenina igreja da minha terra.

Mas nesta tua bela noite de Natal não houve Missa do Galo. Os inimigos da minha Pátria, e que são teus também, escolhem as noites de Natal para matarem. E eu tive de ficar em casa.

Em frente do presépio queria pedir-te uma coisa. Assim, peço-te aqui.

Não quero brinquedos nem doces.

Não invejo os meninos que têm tudo o que me falta. Quero pedir-te outra coisa muito bela.

A minha Mãezinha partiu há muito e eu tenho muitas saudades dela: Ela era tão boa que eu sei que está contigo. Deixa que a minha Mãezinha venha dormir comigo esta noite ou leva-me para junto dela. Os homens da terra são maus e eu estou tão só! Todos os dias vou ao capim apanhar lindas flores para enfeitar a cama de minha Mãe. Mas ela não me fala, não me escuta, não me vê, não me beija! Leva-me contigo, Jesus! Mas tu é

Prémio especial para o melhor artigo sobre cooperativismo habitacional publicado na imprensa portuguesa

Associando-se à criação do «PRÉMIO ANTÓNIO SÉRGIO», iniciativa do «Boletim Cooperativista» para perpetuar a memória daquele grande intelectual e cooperador português, a ASSOCIAÇÃO dos INQUILINOS LISBONENSES atribuiu um prémio especial no montante de 1000\$00 para galardoar o melhor artigo ou reportagem publicado na imprensa portuguesa (diária e não-diária) que verse um tema de *Cooperativismo Habitacional*.

Segundo o espírito do Regulamento do «Prémio António Sérgio», os trabalhos, que devem constituir primeira publicação, serão apreciados por um júri formado por três pessoas sendo uma delas especialista desta modalidade (HABITAÇÃO) sendo para o efeito necessário enviar três exemplares

Agradecimento

A família do malogrado Fernando Manuel Lopes, receando incorrer em qualquer falta, que as circunstâncias em que se efectuou o funeral do seu miúdo chorado ente, de Castelo Branco para esta vila, faz prever, vem, por nosso intermédio, testemunhar o seu mais vivo reconhecimento a quantos a confortaram no doloroso transe, e de modo especial àqueles que se dignaram acompanhar o préstimo fúnebre até ao cemitério desta vila.

do jornal ou revista em que o trabalho foi publicado. Este envio deve ser feito para:

PRÉMIO ANTÓNIO SÉRGIO
BOLETIM COOPERATIVISTA
Rua C-3 Lote 300-A
Olivais-Sul — Lisboa-6

O Secretariado

A PREVISTA CONSTRUÇÃO DE NOVAS AUTO-ESTRADAS

No Conselho de Ministros foi aprovado um decreto-lei que autoriza o Ministro das Obras Públicas a abrir concurso para a concessão de construção, conservação e exploração de auto-estradas e seus troços.

A adjudicação dessas concessões cabe ao Conselho de Ministros e dará às concessionárias o direito de perceber dos utentes das auto-estradas, ou dos troços das mesmas, a taxa de portagem fixada no decreto que outorgar a concessão.

O Estado poderá participar no capital das entidades concessionárias directamente ou por intermédio das suas instituições de crédito, e garantirá às concessionárias os seguintes benefícios: Isenção de taxas de licença, isenção de impostos, de contribuições e de outros encargos fiscais, isenção de direitos de importação para as máquinas a utilizar na construção e conservação das auto-estradas.

Serão ainda consideradas de utilidade pública as expropriações necessárias à construção das auto-estradas a que se referir o diploma.

Máquinas SINGER

Agente Oficial

No concelho de

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

António da Silva Miranda

Telef. 42219

Junto à Praça José Malhoa

Vendedor

único autorizado de máquinas novas garantidas pela fábrica



Nesta Agência Singer encontra-se à venda

toda a gama
de aparelhos
electro-domésticos

Máquinas de costura desde 140\$00 mensais sem entrada inicial

SAIBA ESCOLHER...

BRANDY

CASAL SERENO

Deliciosamente suave e aromático
Pedidos a:

Jorge da Silva Telhada Lopes

Telefone 42146

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Aníbal Pereira Gregório & Filho, Lda.

com

AUTOMÓVEL DE ALUGUER

Recebe serviços, a qualquer hora, para qualquer ponto do País

Telefone 784

Campelo — Fontão Fundeiro

Maria Amélia dos Santos Alves

Médica

Doenças da boca e dentes

Consultas 2.ª 4.ª e Sábados das 9 às 12 horas
5.ª e Sábados das 15 às 18 horas

Telefone 42418

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

que sabes e mandas. Por isso, com todo o carinho do meu pequeno coração, dirijo-te um Muito Obrigado.

Abraça-te o teu Amigo

Julião Camassa da Sanzala da Paz
O luar pareceu recolher-se e a lua no céu parecia chorar. Dentro da cubata, o cepo da quibaba adormecia pouco a pouco.

Depois, muito de mansinho, entrou no pequeno quarto. Aproximou-se, pé ante pé, da velha cama onde o menino de cabelos encarnhados continuava a dormir. Um sorriso alegre e suave bailava-lhe nos lábios. Um ar calmo

espalhara-se-lhe pelo rosto de pretinho belo.

O luar inclinou-se beijou o seu rosto reluzente.

E então soube que o menino triste já tinha consigo a prenda que pedira ao Menino Deus.

Seus bracinhos, cruzados sobre o peito, descansavam sobre um pequenino coração que deixava de bater.

De sorriso nos lábios, o menino triste, dos cabelos de ébano, tinha partido, de mão dada com o Menino Jesus, ao encontro daquela Mãezinha que era tão boa e partiria um dia para não mais voltar.

Máquinas de Tricotar BUSCH

inteiramente metálicas c/ 420 agulhas, com a vantagem
impar de

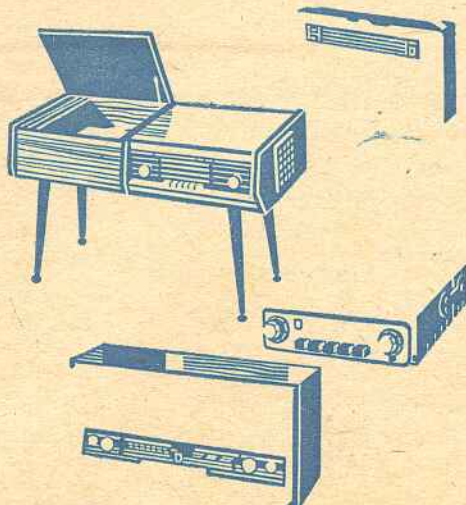
Aprendizagem ao Domicílio

MÁQUINAS DE COSTURA RESTAURADAS COM GARANTIA,
DESDE 850\$00!

Rádios, desde 140\$00!

Televisores e Frigoríficos a Preços
fora de toda a concorrência

Máquinas de Cos-
tura **OLIVA**
super - automáticas
que fazem milhares
de pontos e «ajour»
Causam inveja ao
seu possuidor.



Preços económicos

A Pronto — A prestações

Ourivesaria Lourenço

Telef. 42105

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Stand de Automóveis e Camions

— em —

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

— de —

Barreiros (Irmãos), L.da

Vendedores autorizados dos carros VOLKSWAGEN
e camiões BARREIROS e DODGE, bem como da
famosa marca de Scooters VESPA

Automóveis usados de todas as marcas
com garantia

Oficina de reparações em automóveis
Compra, venda e troca de automóveis

Automóveis de Aluguer

Telefone 42184

Apartado 12

CASA LANIGAL

DE

J. Gonçalves

Fazendas de Lã e Algodão: Chapelaria; miudezas e
todos os artigos de retrozaria

Agente da Companhia de Seguros «METRÓPOLE»

Apartado 19 - Telef. 46

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Materiais de Construção

Sempre aos melhores preços

Ferro, Cimento, Cal Hidráulica, Martingança, Tubo,
de Ferro Galvanizado, Chumbo Grês e Plásticos

Material em casa de banho

Mosaicos, azulejos, Banheiras em Ferro Esmaltados
Marmorite, Lavatórios, Lava-Louças, Lava-Copos,
Lava-Roupas, Torneiras, etc.

FERRAGENS

Pás de Bico e Quadradas, Picaretas, forquilhas para Cascalho
e d'Arame, Grelhas, Cunhas, Carros de Aterro, um completo
sortido de fichas, fechos, fechaduras, Pregaria, Redes de Arame,
Tintas, Óleos, Vernizes, Telhas, Tejolos e Adubos

Farinha CUF — Sanders

Material eléctrico

A. Ferreira Leitão

Telefone 42171

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

O MELHOR PÃO-DE-LÓ

É O DA

Confeitaria **SANTA LUZIA**

de **A. C. Campos**

Telefone 42129

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MOBILADORA TOMARENSE

DE

Fernando Mendes

Sempre grande sortido em Móveis Completas de
todos os estilos, Colchoaria e Móveis avulso aos
melhores preços

Os móveis vendidos nesta Casa são entregues em
casa do cliente sem qualquer encargo para este

Aven. Torres Pinheiro, 60-62
Telefone 33354

TOMAR

Agência Central de Contabilidade

EM

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

a cargo de

António da Conceição Campos

Equipada com Técnicos de Contas inscritos na
D. G. C. I. e sistema mecanizado

Executa toda a escrita comercial ou industrial

CAMISAS

MARFEL

CHAPÉUS

AJAX "para homem"

GRAVATAS

TERYLENE "vários padrões"

Exclusivos de

J. Gonçalves

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

VENDE-SE

Casa c/ quintal e amplas
lojas para comércio sita à
Rua Dr. Manuel Simões, Bar-
reiros — Figueiró dos Vinhos.

Informa

José Mendes Medeiros

(Motorista)

VENDE-SE

Terreno e casas velhas para
construção nesta vila junto à
Cruz de Ferro.

Esta redacção informa.

**O fracasso esco-
lar de não poucos
jovens é muitas
vezes atribuível às
condições desfa-
voráveis em que
vivem**

(Continuado da pág. 4)

Nesta conformidade parece
resultar evidente a necessi-
dade de introduzir nas estru-
turas do Ensino, em comple-
mento da acção docente, um
sistema prático e eficaz de
Orientação Escolar que visará
nomeadamente os alunos mais
desfavorecidos, atenuando e
corrigindo a profunda dife-
renciação das suas condições
individuais e sócio-económi-
cas».

A experiência realizada pelo
Gabinete de Estudos e Pla-
neamento da Acção Educa-
tiva na Escola Comercial Fer-
reira Borges deve conside-
rar-se uma pedra branca no
domínio da psicopedagogia.
Importa que ela prossiga e se
alargue para bem do ensino
em Portugal.

Por mares por mim nunca dantes viajados

Por José Rodrigues Dias

As ilhas de S. Tomé e Príncipe estão anichadas no golfo da Guiné: a primeira nas proximidades do Equador e a segunda sob ele. Foram descobertas por João de Santarém e Pedro Escobar, no reinado de D. João II.

O «Moçambique» ancorou ao largo da cidade S. Tomé por não poder, por falta de calado, atracar ao cais do porto da mesma cidade. Só barcos de menor tonelagem o podem fazer.

Estranhei o facto e, para me informar da sua causa, interroguei, nesse sentido, o meu companheiro do camarote, sr. Egidio da Graça do Espírito Santo, natural de S. Tomé e funcionário superior da Câmara Municipal do seu concelho. É indivíduo de cor, culto, sociável e atencioso.

Eis a sua resposta:

— A ilha de S. Tomé está circundada por uma plataforma rochosa, larga e submersa a poucos metros da superfície marítima. Para que o porto pudesse dar entrada e oferecer condições de estacionamento a barcos com a mesma ou superior tonelagem da do Moçambique, tornava-se necessário destruir a fogo a rocha da plataforma para abrir a entrada e, na área do porto da mesma natureza rochosa, profundar o leito até à medida conveniente. Eram trabalhos demorados e muito dispendiosos que o movimento de passageiros e mercadorias não justificavam pois os rendimentos do porto deviam ficar à quem da soma necessária para amortização do capital investido e pagamento dos juros respectivos, competindo ao Estado cobrir os prejuízos. Mas eu sou dos que pensam que as obras se devem realizar sem a preocupação de saber-se quanto custarão. Exige-o o prestígio de Portugal o progresso económico, cultural, social e a facilidade de comunicações marítimas com a Ilha. A independência

Estrada Pinheiro do Bordalo - Graça

Tiveram o seu início as obras de reconstrução deste ramal, cujo estado de conservação, há muito, vinha ocasionando os maiores prejuízos ao trânsito entre a E. N. e a sede da freguesia.

Por esse motivo, os gracenses mostram-se profundamente gratos ao presidente do seu município, que não se tem poupado a esforços para dotar as freguesias do concelho com os melhoramentos mais essenciais ao bem-estar dos aglomerados populacionais.

das pátrias obriga muitas vezes ao pagamento de tributos desta e outra natureza para que países pouco escrupulosos não se arroguem o direito de, pelas armas, o poderem fazer.

As condições actuais de embarque e desembarque de passageiros e de carga e descarga de mercadorias transportadas em barcos de grande calado são, por falta da sua acostabilidade, incómodas e prejudiciais para os passageiros e onerosas para os fretes. As mercadorias, tanto as que são para carga como as destinadas a descarga são transportadas em barcas de terra para o barco e deste para terra e depois guindadas duas vezes em cada sentido, trabalho suplementar que, além da perda de tempo que ocasiona tem de ser pago. Mas a estes prejuízos há que acrescentar outros: os que resultam dos estragos de algumas mercadorias por queda das embalagens. Quanto a passageiros, as coisas não se apresentam com melhor cariz. O movimento de passageiros nos dois sentidos faz-se em pequenos cacilheiros que, quando o mar está picado, receiam utilizá-los na previsão dalgum naufrágio, sendo, todavia, obrigados a fazê-lo, sob pena de perderem o barco, os que vão continuar ou iniciar a viagem e os que a terminaram.

Como será resolvido o problema dos passageiros que haviam de embarcar, uns e desembarcar outros se as condições do mar forem de tal maneira violentas que as comunicações de terra para o barco e vice-versa tenham de ser impedidas para evitar uma tragédia?

Os primeiros ficarão em terra para, depois retomarem a viagem noutro barco e os segundos continuarão esta até ao porto imediato donde regressarão, igualmente, por via marítima? Estes transtornos, além de grandes desgostos, ocasionam despesas extraordinárias. Por quem são custeados? Pela Companhia de Navegação? Pelos passageiros? Em qualquer dos casos seria uma punição injusta por não terem qualquer responsabilidade no contratempo. A responsabilidade cabe inteira ao Mar mas como exigir-lhe a indemnização se ele é insensível e não tem personalidade jurídica? Não me lembrei de colher informações a bordo sobre esta matéria.

Antes de embarcar em Lisboa, fui informado por meu sobrinho Vítor de que em S. Tomé me estava preparada, pelos nossos patrícios ali residentes, uma recepção calorosa e amigável.

Todavia, devido à ondulação um pouco elevada, não ousei

embarcar no cacilheiro para ir a terra receber e agradecer a manifestação patética, impedimento agravado pela ideia pouco marinheira de que o meu regresso ao «Moçambique» podia tornar-se impossível por agravamento da ondulação. Eu espero que os meus leitores me absolverão deste meu pecado se lhes disser que os meus conhecimentos náuticos os aprendi na companhia de meu irmão e outros meninos nossos companheiros de escola e de brincadeira, na Ribeira da Aldeia, no pego, de... *grandeza oceânica*, da Arroiteia. Os nossos transatlânticos era feitos de corcôdea de pinheiro ou de cortiça. O estaleiro era no Chavelho e o engenheiro naval era meu irmão que revelou sempre jeito para a construção, e também para santeiro.

(conclui no próximo número)

F R I O

Em transição brusca, embora consentânea com a época, a temperatura baixou significativamente, obrigando a recorrer ao arsenal dos agasalhos e abafos. Por seu turno, as serras apresentavam-se revestidas da alvura da neve que, para alguns, é bom prenúncio agrícola. Oxalá que sim e praza a Deus que à desilusão do ano vinícola se não junte novo fracasso nos olivais.

CRÓNICAS DE ANGOLA — LESTE

(Continuado da pág. 1)

Terra preciosa e rica, onde o branco quase só se dedica ao comércio e onde o motivo só faz o indispensável para se alimentar, se exceptuarmos algumas poucas iniciativas privadas ou colectivas.

Teríamos necessidade de alargar o sistema de colonatos, mas com estruturas modernas e bem protegido, de modo que os seus camponeses se apegassem à terra e a levassem a produzir, dando-lhes certa colocação certa dos produtos e urge que se formem grandes companhias agrícolas à limitação dos que descobriram o Oeste americano e o tornaram um dos grandes celeiros do mundo.

Por conversas que tive com pioneiros de iniciativas privadas, notei as tremendas dificuldades que tiveram e têm de enfrentar, por falta de capitais e de apoio técnico eficiente.

Há que estudar seriamente os terrenos e interessar capitalistas nacionais e estrangeiros.

Num período de tanto se fala da fome no mundo e da contra-

O fracasso escolar de não poucos jovens é muitas vezes atribuível às condições desfavoráveis em que vivem

(Continuado da pág. 1)

-familiar, em dois terços dos alunos cujas famílias foram contactadas, 75% vivem em ambiente familiar tenso; é baixo o nível económico e cultural de 53 e 54 alunos, respectivamente; 28% dos alunos sobre os quais se obtiveram elementos, vivem longe da Escola, não dispondo de transporte ou tendo dificuldade em o obter.

Devido, porém, ao esforço da equipa e à correspondência dos alunos, 42 jovens recuperaram escolarmente, transitando de ano ou concluindo o curso, embora 23 hajam

Alfredo Dias Curado

Ao fim de largos anos de bons serviços prestados à Direcção Geral dos Serviços Florestais e Agrícolas, como guarda-rios, retira-se da sua actividade profissional o nosso prezado amigo e conterrâneo, sr. Alfredo Dias Curado, que acaba de ser aposentado.

Assinalando o facto, «A Regeneração» apresenta-lhe os seus cumprimentos, desejando-lhe os melhores êxitos.

passado com deficiência a uma disciplina e 5 tenham concluído sem o exame de aptidão profissional. É ainda de sublinhar que dos 59 alunos que não transitaram de ano ou não concluíram o curso, 21 conseguiram aprovação no exame de uma ou mais disciplinas.

Fica-se, deste modo, mais uma vez a saber que não é devido a carências de ordem intelectual que os alunos são escolarmente deficientes. São-no, sobretudo, a maioria das vezes, porque lhes faltam as condições humanas, ambientais, materiais e pedagógicas indispensáveis à revelação, ao exercício e aproveitamento eficaz das aptidões que realmente possuem.

Perante os resultados obtidos, tem de concluir-se que «a maioria dos alunos em atraso ou insucesso escolar vive, trabalha e desenvolve-se num meio sócio-económico caracterizado por complexa trama de situações desfavoráveis à sua educação e ao rendimento do ensino. Mas é missão indeclinável da Escola proporcionar educação integral a todas as crianças, quaisquer que sejam as suas limitações pessoais ou carências sócio-económicas. Por isso, a acção educativa tenderá a vazar-se cada vez mais em moldes e actividades novas: velará pela saúde, propiciará a manifestação espontânea dos valores pessoais, prevenirá anomalias, valorizará os tempos úteis, activará a relação Família-Escola, ajudará os alunos nas opções escolares e na escolha da carreira profissional; proporcionará a todos, numa palavra, efectiva igualdade de oportunidades.

(Continua na pág. 3)

Padre José da Costa Saraiva

BAIRRADA — A bela desamparada

(Continuado da pág. 1)

Dentro do possível, colabora este bom povo nas necessidades prementes da sua terra, e o exemplo mais recente temo-lo no arranjo da torre da sua Capela, seguindo-se agora a dotação dum relógio, que os bairradenses gostavam que fosse eléctrico...

Comprou-se uma carrinha para transportar os mortos à última morada e quando se lhes bate à porta, há sempre uma dádiva generosa. Nunca regatearam auxílio à nossa Misericórdia, aos nossos Bombeiros, às obras, da

nossa Igreja, e também para a construção da Casa Paroquial, além de outras de menor importância.

São cidadãos dignos, sempre prontos a cumprirem as suas obrigações cívicas e religiosas. E como tal devem merecer justa retribuição.

E, assim, não pedimos mais do que, dentro do possível, vermos amanhã, nas Bairradas um Povo acarinhado e feliz, como decerto o merece.

V. C.